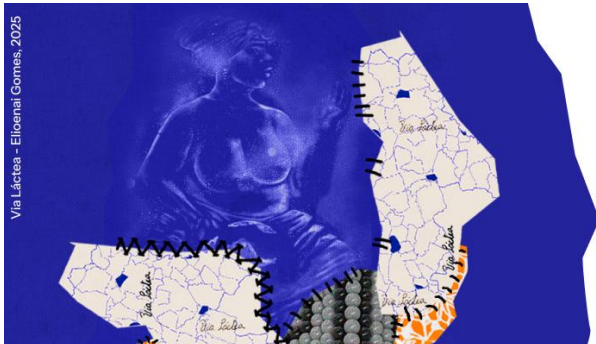




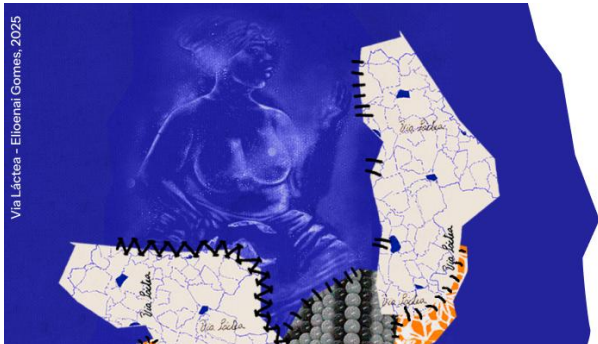
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TEATRO COMO PRÁTICA POLÍTICA E POÉTICA

Luiz Eduardo Rodrigues Gasperin¹ – UNESPAR

“Vinde, vinde/ Moços e velhos/ Vinde todos, apreciar/ Vinde, vinde/ Moços e velhos/ Vinde todos, admirar/ Como isso é bom/ Como isso é belo/ Como isso é bom, é bom demais/ Ohai, olhai/ Admirai/ Como isso é bom/ É bom demais” (Nóbrega, 1996). A canção convite de Nóbrega anuncia a cena que se deseja aqui: uma escrita que chama para a roda, que insiste em afirmar a beleza do encontro, mesmo em meio às contradições da escola pública. A escritura em travessia se inscreve como quem se inventa no caminho. Não se trata de apresentar uma abordagem metodológica fechada em si ou uma experiência concluída, mas de partilhar o que brota das dobras da prática, do chão do estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, onde a formação é feita de interrogações, desvios e reinvenções. Como lembra Menegaz (2025, p. 3), “a ideia é que o estágio seja vivido como experiência e não apenas como confirmação de uma escolha já feita”, e é nesse horizonte de incerteza fértil que se abrem frestas para que o teatro entre na escola como brincadeira e luta. Este gesto, longe de ser individual, é sempre coletivo, tramado em roda, em cena, em encontro, como exercício de insistência e imaginação que tensiona e (re)encanta o cotidiano.

O estágio, nesse contexto, é espaço de invenção e incerteza fértil. Como lembra Menegaz (2025, p. 3), “tantas questões permeiam uma aula de estágio supervisionado”, e é nesse emaranhado de perguntas que se revela sua potência formativa. Afinal, como instaurar processos de criação em aulas de cinquenta minutos,

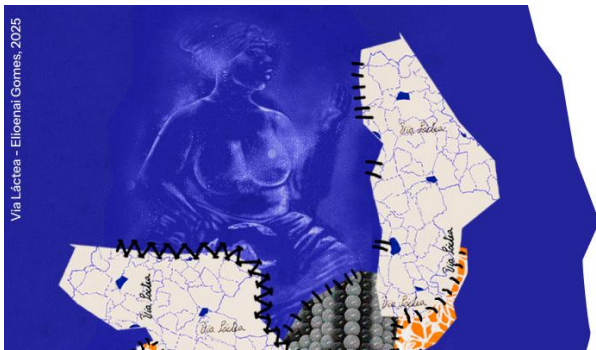
¹ Professor-artista, bixa afeminada e pai do Joaquim. Doutor em Artes da Cena, Mestre em Artes, Bacharel em Artes Cênicas e Licenciado em Teatro. Atualmente é professor na área de Pedagogia do Teatro no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Paraná, onde atua com as disciplinas de Estágio Supervisionado na escola e Metodologias de Ensino. *E-mail:* Eduardo.gasperin@unespar.edu.br.



atravessadas pelo sinal, pela disputa do espaço físico, pela pressão dos conteúdos e pela expectativa de resultados imediatos? O que significa supervisionar, quando o que está em jogo não é apenas cumprir carga horária ou preencher relatórios, mas enfrentar o desafio de legitimar o teatro como linguagem no currículo escolar? E como negociar com as burocracias — termos de compromisso, assinaturas, carimbos — que insistem em enquadrar o estágio numa lógica de controle, quando sua força se anuncia justamente naquilo que transborda o prescrito?

Estar em estágio, portanto, é aprender a caminhar com a escola, e não sobre ela. É lidar com um espaço que, ao mesmo tempo em que sofre os impactos da precarização, das reformas regressivas e das ameaças de privatização, também resiste cotidianamente. Como afirmam Vetori, Gasperin e Rosa (2025, p. 2), o estágio em Arte pode se tornar “espaço potente de escuta, partilha e proposição”, abrindo brechas para práticas que reconhecem a escola como território de luta e invenção. Nesse chão, as contradições não se apagam; elas tensionam cada gesto e convocam o estágio a lidar com a escola em sua complexidade, entre a dureza das condições materiais e a vitalidade de seus sujeitos. É nessa tensão permanente que o teatro encontra terreno para se afirmar como prática de linguagem e de invenção, fazendo emergir a escola não apenas como lugar de carência, mas também de imaginação, resistência e luta cotidiana.

A experiência do primeiro estágio supervisionado na Escola 1 coloca em evidência o encontro entre um/a licenciando/a em Teatro da UNESPAR, em sua terceira série da graduação (conforme PPC de 2018), e o espaço tensionado do Novo Ensino Médio. Nesse momento formativo, o estágio se organiza em três movimentos: a caracterização do espaço escolar, a observação das aulas e, posteriormente, a condução de propostas com as turmas da docente supervisora. Esse percurso possibilita que o/a estudante vivencie diferentes camadas da docência: compreender a escola em sua materialidade, escutar e analisar a prática de outro/a professor/a e,

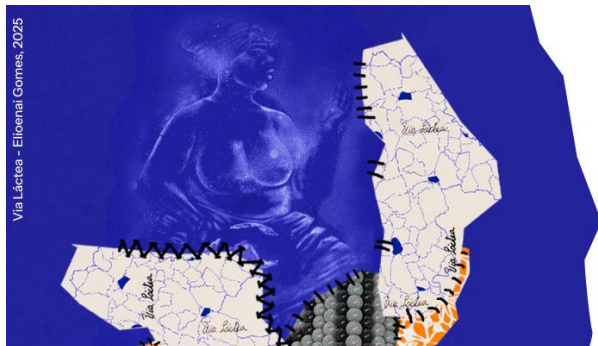


por fim, assumir o risco da condução de aulas em um currículo atravessado por reformas e disputas.

Segundo o Referencial Curricular do Paraná (PARANÁ, 2021, p. 76), a unidade temática Teatro “tem como referência a ação, que possibilita ao estudante experiências de criar, ler, produzir, exteriorizar e refletir”. Essa definição amplia o sentido do estágio, pois convida o/a licenciando/a a experimentar a docência como campo de invenção e não apenas de reprodução. No entanto, esse ideal se confronta com a realidade do NEM (Novo Ensino Médio), que organiza o tempo em blocos de cinquenta minutos, distribui a Arte de forma desigual nos itinerários e frequentemente reduz o lugar do teatro a projetos interdisciplinares ou atividades complementares.

Nesse cenário, o/a estagiário/a é desafiado/a a negociar a legitimidade da linguagem teatral no currículo, sustentando-a como conhecimento e não como recurso acessório. O documento reforça que “nosso objetivo não é ter um aluno-autor, um aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana” (PARANÁ, 2021, p. 92). Assim, o Estágio 1 não se reduz à formalidade dos relatórios ou termos de compromisso, mas se constitui como prática político-pedagógica em que o/a futuro/a docente aprende a caracterizar, observar e intervir, disputando a presença do teatro no cotidiano do NEM e afirmando-o como direito à sensibilidade, à imaginação e à vida coletiva.

Em uma das experiências recentes, estudantes erguiam cartazes e vozes que gritavam “Não venda minha escola”, em referência à mobilização de docentes, gestores e estudantes contra o programa *Parceiro da Escola*, iniciativa do governo estadual que propõe a terceirização da gestão de unidades públicas. Nesse contexto, o teatro não se apresentou como exercício estético apartado, mas como gesto de presença coletiva, um modo de estar junto e amplificar as vozes já em luta. Como aponta Rufino (2020, p. 91), educar é “recuperar sonhos, pintar outros sentidos,



alargar subjetividades e frear o desencanto”, e talvez seja esse o lugar em que o teatro, no estágio, se reinscreve: gesto de insurgência suave, capaz de tensionar o cotidiano com imaginação.

Figura 1 – Cartaz Não venda minha escola APP Sindicato

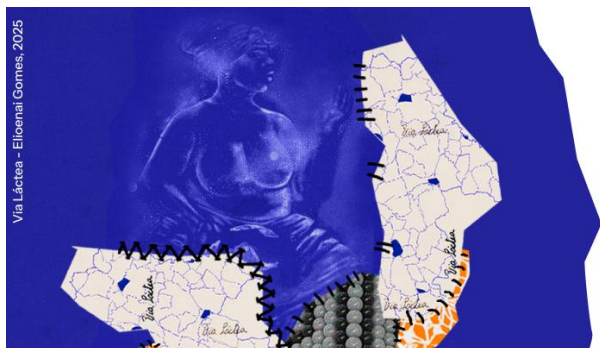


Fonte: APP Sindicato².

Antes mesmo de adentrar a escola, o estágio foi tecido como rito. Preparamos um estandarte coletivo, no qual costuramos fitas de cetim coloridas, cada uma trazendo o desejo escrito por estudantes para esse percurso formativo. A flâmula tornou-se, assim, espaço de encantaria: ao invés de apenas registrar burocraticamente o estágio, procuramos poetizá-lo, ritualizá-lo, instaurando um gesto de cuidado e de convocação simbólica. Cada fita bordada carregava uma aposta: de alegria, de coragem, de leveza, de transformação. Ao entrar na escola, esse estandarte não era mero ornamento, mas presença que condensava os sonhos, os medos e as invenções que nos acompanhavam na travessia.

Nessa travessia, dois mestres inspiram a prática. Ilo Krugli, fundador do Ventoforte, via o teatro como encantamento e resistência. Para ele, “o teatro foi, antes de tudo, uma forma de conhecimento, uma festa que se abria ao público e eliminava a distância entre quem faz e quem vê” (Krugli, *Poesia Rasgada*). Já Antônio Nóbrega, ao entrelaçar corpo, saber popular e invenção, nos ensina que brincar é um gesto sério, profundamente político. Ambos nos recordam que o teatro, quando se insinua

² Disponível em: <https://appsindicato.org.br/naovendaminhaescola/>. Acesso em: 21 de setembro de 2025.



na escola, não é mero adereço, mas prática viva que conjuga infância, corpo e imaginação como modos de resistência e criação.

Encantar o estágio é, nesse sentido, (re)encantar a escola. Não com promessas vazias, mas com práticas que sustentam presença sensível, cuidado e invenção. Como afirmam Vetori, Gasperin e Rosa (2025, p. 2), o estágio em Arte constitui “espaço potente de escuta, partilha e proposição”, um campo em que a formação docente se entrelaça à vida da escola e à invenção de mundos. Brincar, nesse horizonte, não é fuga, mas atravessamento: gesto político e poético que insiste em imaginar presenças outras no cotidiano escolar. Talvez seja esse o modo de insistir na vida que este trabalho deseja partilhar.

Figura 2 – Estandarte Retalhos 3ª série/LTE 2025



Fonte: O autor.

Assim, o estágio supervisionado em Teatro se afirma como prática político-poética que transborda a dimensão burocrática para se constituir em gesto de encantamento, invenção e resistência. Entre documentos oficiais que prescrevem ideais e uma realidade escolar atravessada por precarizações, o estágio revela-se como espaço de disputa simbólica e concreta pela presença da arte no currículo. O grito coletivo contra a privatização, o estandarte de desejos bordados e a inspiração em mestres que aliam brincadeira, corpo e resistência configuram uma mesma cena:

a escola como território vivo de criação. Concluir este percurso não é encerrá-lo, mas reconhecer que, no entrelaçamento entre formação docente, prática teatral e vida escolar, o estágio se faz travessia inacabada, uma caminhada que insiste em afirmar o direito à sensibilidade, à imaginação e ao comum.

REFERÊNCIAS

GASPERIN, Luiz Eduardo; VETORI, Caroline; ROSA, Marcia. Os estágios supervisionados em arte como ato político-pedagógico. *O Mosaico*, Curitiba, v. 20, n. 2, p. 1-4, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/mosaico/article/view/10945>. Acesso em: 29 set. 2025.

KRUGLI, Ilo. *Poesia Rasgada*. São Paulo: impresaoficial, 2009.

MENEGAZ, Welington. O estágio supervisionado em Teatro: práticas artísticas e pedagógicas nos encontros com a turma de estágio. *O Mosaico*, Curitiba, v.20, n.2, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/mosaico/article/view/10818>. Acesso em 29 de setembro de 2025.

NÓBREGA, Antônio. Vinde, vinde, moços e velhos. In: NÓBREGA, Antônio. *Na pancada do ganzá* [CD]. São Paulo: Biscoito Fino, 1996.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Referencial Curricular do Paraná*. Curitiba: SEED, 2021.

RUFINO, Luiz. *Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas*. São Paulo: Mórula Editorial, 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro*. Curitiba: UNESPAR, [s.d.]. Documento institucional. Disponível em: <https://fap.curitiba2.unespar.edu.br/assuntos/graduacao/licenciatura-em-teatro>. Acesso em: 29 de setembro de 2025.